

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Elenco | 00 |
| Prólogo | 00 |
| 1. Um terremoto em Wall Street | 00 |
| 2. Tornando-se Bernie | 00 |
| 3. A fome pelo ganho | 00 |
| 4. Os quatro grandes | 00 |
| 5. A torneira de dinheiro | 00 |
| 6. Aquilo em que queriam acreditar | 00 |
| 7. Sinais de alerta | 00 |
| 8. Uma experiência de quase morte | 00 |
| 9. O mundo de Madoff | 00 |
| 10. O ano de viver perigosamente | 00 |
| 11. Acordando na ruína | 00 |
| 12. Calculando o prejuízo | 00 |
| 13. Vencedores líquidos e perdedores líquidos | 00 |

| | |
|-----------------------------------|----|
| 14. Os pecados do pai | 00 |
| 15. As rodas da justiça | 00 |
| 16. Esperança, perda e encontrada | 00 |
| 17. A longa estrada adiante | 00 |
| Epílogo | 00 |
| Agradecimentos | 00 |
| Notas | 00 |
| Índice | 00 |

Para meus colegas no *New York Times*,
ontem, hoje e amanhã,
e para Larry, sempre

ELENCO

A FAMÍLIA MADOFF

Bernie Madoff, fundador da Bernard L. Madoff Investment Securities

Ruth Madoff (nascida Alpern), sua esposa

Mark Madoff, seu filho mais velho, nascido em 1964

Andrew Madoff, seu filho mais novo, nascido em 1966

Peter Madoff, seu irmão mais novo

Shana Madoff, filha de Peter Madoff

Roger Madoff, filho de Peter Madoff

Ralph Madoff, pai de Bernie Madoff

Sylvia Madoff (nascida Muntner), mãe de Bernie Madoff

NA BERNARD L. MADOFF INVESTMENT SECURITIES

Eleanor Squillari, secretária de Bernie Madoff

Irwin Lipkin, primeiro funcionário de Madoff

Daniel Bonventre, diretor de operações

Frank DiPascali, administrador do 7º andar

Annette Bongiorno e JoAnn “Jodi” Crupi, suas colegas

Jerome O’Hara, programador

George Perez, seu colega de escritório
David Kugel, corretor de arbitragens

OS CONTADORES

Saul Alpern, pai de Ruth Madoff
Frank Avellino, colega e sucessor de Alpern
Michael Bienes, sócio de Avellino
Jerome Horowitz, sócio inicial de Alpern e contador de Madoff
David Friehling, genro e sucessor de Horowitz
Paul Konigsberg, contador de Manhattan
Richard Glantz, advogado e filho de um sócio inicial de Alpern

INVESTIDORES INDIVIDUAIS E “FACILITADORES”

Martin J. Joel Jr., corretor de ações em Nova York
Norman F. Levy, magnata do mercado imobiliário em Nova York
Carl Shapiro, filantropo de Palm Beach
Robert Jaffe, seu genro
Jeffrey Picower, reservado investidor de Nova York
William D. Zabel, seu advogado de longa data
Mendel “Mike” Engler, corretor de ações de Minneapolis
Howard Squadron, proeminente advogado de Manhattan
Fred Wilpon, dono do time de beisebol New York Mets

MAIORES FUNDOS FEEDERS NOS ESTADOS UNIDOS

Stanley Chais, investidor de Beverly Hills
Jeffrey Tucker, cofundador do Grupo Fairfield Greenwich
Walter Noel Jr., seu sócio-fundador
Mark McKeefry, conselheiro-geral do Grupo Fairfield Greenwich

Amit Vijayvergiya, diretor de riscos do Grupo Fairfield Greenwich
J. Ezra Merkin, proeminente investidor de Wall Street
Victor Teicher, seu antigo consultor
Sandra Manzke, especialista em fundos de pensão
Robert I. Schulman, seu ex-sócio

INVESTIDORES E PROMOTORES INTERNACIONAIS

Jacques Amsellem, investidor francês
Albert Igoïn, reservado consultor financeiro em Paris
Patrick Littaye, gerente de um fundo hedge francês
René-Thierry Magon de la Villehuchet, seu sócio
Sonja Kohn, proeminente banqueira austríaca e fundadora do Banco Medici
Carlo Grosso, gestor do fundo Kingate, baseado em Londres
Rodrigo Echenique Gordillo, diretor do Banco Santander em Madri

COHMAD SECURITIES

Maurice J. “Sonny” Cohn, sócio de Bernie Madoff na empresa
Marcia Beth Cohn, sua filha

DENUNCIANTES

Michael Ocrant, autor do *newsletter* de um fundo hedge de elite
Erin Arvedlund, escritora freelance da revista *Barron's*
Harry Markopolos, analista quantitativo em Boston

SECURITIES AND EXCHANGE COMMISSION (SEC)

Christopher Cox, presidente entre agosto de 2005 e janeiro de 2009
Mary Schapiro, sua sucessora na presidência

H. David Kotz, inspetor-geral independente
Grant Ward, agente regional em Boston
Ed Manion, seu colega
Lori Richards, agente sênior em Washington
Eric Swanson, advogado em Washington
Andrew Calamari, agente regional sênior em Nova York
Meaghan Cheung, advogada no escritório de Nova York
Simona Suh, sua colega
William David Ostrow, auditor do escritório de Nova York
Peter Lamore, seu colega
Lee S. Richards III, advogado de Nova York, indicado como administrador judicial da empresa de Madoff

ADVOGADOS DA FAMÍLIA

Ira Lee “Ike” Sorkin, advogado de defesa de Madoff
Daniel J. Horwitz, Nicole De Bello e Mauro Wolfe, equipe de defesa de Madoff
Peter Chavkin, advogado de Ruth Madoff
Martin Flumenbaum, advogado de Mark e Andrew Madoff

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION (FBI)

Ted Cacioppi, agente especial
B. J. Kang, seu colega

PROMOTORES FEDERAIS EM MANHATTAN

Preet Bharara, procurador do distrito sul de Nova York
William F. Johnson, chefe da Força-Tarefa contra Fraudes no Mercado de Valores Mobiliários
Marc Litt, chefe da equipe de acusação no caso Madoff
Lisa Baroni, sua colega

SECURITIES INVESTOR PROTECTION CORPORATION (SIPC)

Irving H. Picard, fiduciário do caso de falência Madoff

David J. Sheehan, seu principal consultor legal na Baker & Hostetler

JUÍZES FEDERAIS EM MANHATTAN

Douglas Eaton, Gabriel W. Gorenstein e Ronald Ellis, magistrados

Louis L. Stanton, juiz distrital

Burton R. Lifland, juiz do tribunal de falências

Denny Chin, juiz distrital

Richard J. Sullivan, juiz distrital

ADVOGADOS DAS VÍTIMAS

Helen Davis Chaitman, advogada de Nova Jersey

Lawrence R. Velvel, reitor de uma faculdade de Direito em Massachusetts

PRÓLOGO

TERÇA-FEIRA, 24 DE AGOSTO DE 2010

Vislumbrado através das portas duplas de vidro ao fim do longo corredor da prisão, é difícil reconhecê-lo como o impassível homem de rosto aquilino que surgiu incessantemente na tela da TV menos de dois anos antes. Ele aparenta ser menor, diminuído — apenas um homem idoso de óculos, falando respeitosamente com um oficial da prisão e parecendo ligeiramente ansioso enquanto espera que as portas trancadas à sua frente sejam abertas.

Escortado por um assistente do diretor, ele passa do sol do pátio cercado da prisão para a sombria sala de visitantes, recoberta com painéis baratos de madeira. A sala caberia facilmente em um canto de sua antiga cobertura em Manhattan. A mobília consiste inteiramente em móveis de plástico desbotado — cadeiras vermelhas sem braços em torno de mesas marrons — e está iluminada apenas pela luz que entra por uma grande janela e por uma fileira de máquinas de venda automática.

Na maioria de suas visitas ocasionais, essa sala estivera repleta de prisioneiros e suas famílias. Mas, quando entra escortado nesta manhã de terça-feira, a sala está vazia, com exceção de seu advogado, de um guarda e da visitante que finalmente concordou em receber. Como exigido pelas regras, ele se senta de frente para a mesa do guarda, onde o assistente do diretor se acomoda para esperar. Ele desdobra uma única folha de papel: parecem ser algumas notas manuscritas e perguntas para seu advogado. Ele deposita a folha na mesa à sua frente.

Os vincos da camisa de mangas curtas e da calça marrom são impecáveis, a despeito da umidade da manhã de verão. Seu cabelo está mais curto, mas combina com o rosto mais magro. Os sapatos pretos de couro brilham. Com exceção de um pequeno ponto descascado na fivela de latão do cinto, está tão cuidadosamente arrumado quanto sempre. Mesmo que já não lembre muito o homem mais pesado e mais bem-vestido visto com tanta frequência nos noticiários após a prisão, ainda apresenta um quieto magnetismo que atrai o olhar.

Durante mais de duas horas, ele responde a perguntas, às vezes com um olhar direto, às vezes olhando para o pátio vazio do outro lado da janela. Fala de modo suave e intenso, com ocasionais demonstrações de espiritualidade. Perde a compostura apenas uma vez, ao falar da esposa. O tempo todo, parece infalivelmente honesto, sincero e confiável.

Mas ele sempre parece — mesmo quando está mentindo. É seu talento, e sua maldição. Foi o que lhe permitiu organizar o maior esquema Ponzi da história. E será o que lhe permitirá distorcer os fatos e obscurecer a verdade sobre seu crime enquanto viver, se escolher fazer isso.

Bernard L. Madoff — registro prisional número 61727054 — é atualmente o prisioneiro mais famoso do Complexo Correccional Federal nos subúrbios de Butner, Carolina do Norte.

A saída Butner–Creedmore na Interestadual 85 não anuncia que a prisão está localizada aqui. Não há sinalização clara no pequeno povoado, apenas algumas setas pintadas de preto e branco nas interseções, antiquadas e fáceis de ignorar. A prisão não está no mapa da lista telefônica e os visitantes são obrigados a pedir indicações ao porteiro do motel.

A tortuosa rota desde a interestadual envolve estradas secundárias com nomes urbanos como 33th Street e E Street, mas é circundada principalmente por árvores recobertas de trepadeiras e campos cheios de mato. O complexo prisional surge subitamente em meio à floresta de pinheiros à direita. Consiste primariamente em quatro grandes blocos em uma clareira iluminada, no centro das florestas e campos circundantes.

À direita, ligeiramente afastada na direção do limite leste da propriedade, há uma prisão de segurança mínima, da cor de arquivos de papel pardo e distintivamente livre de muros ou cercas. Quase escondido atrás de um espesso trecho de árvores, à esquerda, há um grande e moderno hospital prisional, cuja entrada separada fica mais acima da rua de duas pistas que serpenteia pelo complexo. E, quase invisível, no alto de uma pequena colina arborizada, existe uma prisão de segurança média, com vários andares de pedras cinzentas e irregulares.

Madoff fica em uma quarta instalação nos campos de Butner, outra prisão de segurança média à esquerda da entrada principal, ao fim de uma pequena rua ladeada por jambeiros-brancos em flor. O baixo edifício de pedras cinzentas foi construído como um gigantesco jogo de dominó. Com exceção da entrada, está completamente envolvido por cercas duplas de arame, mais altas que o edifício. As cercas estão ladeadas por voltas e voltas de brilhante arame farpado. Há uma torre de guarda em cada canto do grande pátio de exercícios, que não tem praticamente nenhuma árvore, e os guardas percorrem as ruas estreitas que recortam o complexo, constantemente alertas a prisioneiros soltos ou visitantes curiosos demais.

A entrada de cimento da unidade é um labirinto de equipamentos de segurança, armários para as posses dos visitantes, telefones públicos e escritórios. Um conjunto de portas trancadas leva a uma espécie de contenção dupla: as portas traseiras de cada seção se fecham antes de as portas dianteiras se abrirem. O último par de portas dá para um grande corredor branco que leva à sala de visitantes. O corredor é imaculadamente limpo e incongruentemente decorado com cartazes de Ansel Adams em preto e branco, exibindo grandes céus e vastos espaços abertos.

Uma sensação de isolamento impenetrável surge assim que o último par de portas é fechado. Os celulares estão fora de alcance, deixados nos armários da entrada. Nenhuma mensagem escrita pode ser entregue aos prisioneiros, constantemente vigiados durante as visitas. Sem permissão, nem mesmo um bloco pode ser levado para a sala de visitantes, e gravadores não são permitidos. Como ratos de laboratório ou formigas em uma colônia de vidro, os prisioneiros estão sob constante escrutínio, de uma maneira que poucos norte-

-americanos conseguem imaginar. Telefonemas — somente a cobrar — são racionados e monitorados. Cartas são abertas e lidas. Toda interação humana é policiada, regulada, constricta, limitada, restrita — incluindo a nossa.

Todas as visitas da mídia exigem convite do prisioneiro e aprovação do diretor. Após quase um mês de burocracia, a luz verde da direção chegou com apenas uma semana de antecedência. O tempo é limitado e esse limite é polidamente mantido. (Uma segunda visita será autorizada em fevereiro de 2011. Durante esse intervalo, Madoff me entregará um bilhete prometendo enviar pelo correio respostas a quaisquer perguntas adicionais. Ele mantém a promessa, enviando várias cartas durante os meses seguintes e algumas curtas mensagens por meio do restrito e severamente monitorado sistema de e-mail dos prisioneiros.)

Até hoje, seu único visitante, com exceção dos advogados, foi a esposa. Até agora, ele não respondeu a nenhuma pergunta independente sobre seu crime, com exceção das vezes em que esteve no tribunal, perante um juiz.

Durante esse silêncio e contínuo mistério, seu tempo na prisão foi assunto em diversas revistas especulativas e especiais de TV — na verdade, o último deles irá ao ar esta semana. Um ex-prisioneiro afirmará que os guardas estão “deslumbrados”¹ com o infame prisioneiro de Wall Street, embora não haja sinal disso hoje. O programa também retratará Butner como “prisão suave”, uma gentil detenção de colarinho branco se comparada às prisões estaduais mais duras, que abrigam assassinos e outros criminosos violentos. As vítimas de Madoff podem achar que ele não merece nada mais confortável que uma jaula vietcongue; se for o caso, ficarão desapontadas com as celas parecidas com quartos e partilhadas por apenas dois prisioneiros, os equipamentos de exercício e as salas de TV.

Mas Madoff está inquestionavelmente em uma prisão de segurança média. Não é uma selva de aço de brutal e quase incontida violência e depravação, mas também não se parece com um confortável “clube federal”, com campos de golfe, quadras de tênis e visitas casuais dos amigos e da família. Esses prisioneiros não ultrapassam as cercas de arame farpado para fumar. Com sua sentença de 150 anos, Madoff viverá e morrerá na prisão.

Não é sábio confiar nas informações que vazam desse mundo contido. Além do relato de um tabloide de que estava morrendo de câncer no pâncreas, houve outros, em veículos mais críveis, de que fora espancado durante uma discussão com outro prisioneiro.² Uma notícia afirmou que dissera, a um visitante, “estar cagando e andando” para os filhos.³ A revista *New York* relatou que, após ser provocado por um prisioneiro, dissera: “Que se fodam as vítimas.”⁴ E o *New York Post* afirmou que contara a prisioneiros não identificados que escondera bilhões de dólares durante o curso de seu longo crime.⁵

Qual é a verdade? A prisão nega firmemente que Madoff, agora com 72 anos, tenha câncer no pâncreas ou qualquer outra doença fatal — ele concorda e não mostra sinais de estar doente. A prisão e Madoff também negam que já tenha sido atacado ou se envolvido em brigas; os pequenos ferimentos que causaram o rumor foram sofridos quando caiu, estando tonto em virtude da medicação contra hipertensão. E ele nega ter dito algo desdenhoso sobre os filhos e as vítimas ou alegado ter uma fortuna escondida em algum lugar. Alguém, nesse autocontido mundo de mentiras, está dizendo a verdade. Pode muito bem ser ele.

*

O nome de Bernie Madoff é reconhecido e vilificado em todo o mundo, o resumo taquigráfico de uma era egoísta e vergonhosa. Ele foi deplorado na Suíça e discutido em programas de rádio na Austrália; causou sussurros na China e temores no golfo Pérsico. Seu rosto esteve em todos os jornais do país, foi estapeado nas capas de revistas, em meia dúzia de línguas, e caricaturado em charges políticas por toda parte.

Mesmo em uma era de hipérboles, a história é inacreditável: um esquema Ponzi de bilhões de dólares que durou décadas estendeu-se por todo o globo e atraiu algumas das mais ricas, sábias e respeitadas pessoas do mundo. Milhares de pessoas comuns também foram pegas na rede de Madoff — e completamente arruinadas.

Em seguida à derrocada econômica de 2008, com desonestidade e tramoia sendo expostas em todo o mundo financeiro, nenhum vilão colocou um

rosto humano no colapso como Madoff, talvez porque seu crime envolvesse muito mais que apenas a crise financeira. Era um drama imemorial em si mesmo, uma peça moral tão antiga quanto a cobiça humana e tão comovente quanto a confiança humana.

O escândalo Madoff ressoou profundamente naquela parte de nossa imaginação que responde às lendas populares e concede a elas tanto poder emocional. A matéria-prima de tais lendas é a transformação instantânea. Em um piscar de olhos, o sapo feioso se torna príncipe encantador. Com um beijo, a princesa adormecida é despertada, ainda bela após um século. Com um movimento da varinha mágica, uma abóbora e meia dúzia de ratos se tornam uma carruagem dourada e seis cavalos cinzentos.

A mudança instantânea foi a experiência central da queda de Madoff. Subitamente, ricos ficaram pobres, admirados foram desprezados, sábios se viram expostos como tolos e ponderados foram consumidos pela raiva. O belo príncipe se tornou um sapo horroroso. Esse único homem, Bernie Madoff, fez com que todas as economias de dezenas de milhares de pessoas excessivamente confiantes em todo o mundo desaparecessem em um instante. Milhares de vezes, pessoas foram destruídas por esse único e sombrio momento. Apenas um piscar de olhos e tudo estava acabado: o dinheiro, o status, a confiança no futuro, as viagens de primeira classe, a aposentadoria segura, o dinheiro para a faculdade, o sono pacífico, os projetos de caridade. Em um único momento de suas vidas ocupadas, enquanto dormiam, cortavam o cabelo, voltavam para casa após uma reunião ou esperavam na fila do cinema, suas fortunas simplesmente desapareceram.

E lá estava Bernie Madoff, o mago perverso que acenara com a mão e, em um terrível instante, levava tudo embora.

*

Durante décadas, Bernie Madoff viveu no centro de uma crescente rede de mentiras.

Em seu longo silêncio após a prisão, partes dessa rede se misturaram inextricavelmente a informações errôneas e fofocas maliciosas. Nas páginas

que se seguem, muitos desses nós serão desfeitos, com a ajuda de novas informações e análises sobre seu relacionamento com a família e os principais investidores, e o envolvimento deles com seus crimes.

Ainda mais significativo, os capítulos que se seguem explorarão partes de sua meada original de mentiras que nunca vieram a público. Elas podem ser detalhadas aqui, pela primeira vez, porque Bernie Madoff concordou em me receber e falar sobre elas, nas primeiras entrevistas registradas que concedeu desde sua surpreendente prisão.

Ele evitou minhas numerosas solicitações iniciais com lisonjas e promessas. “Segui sua notável carreira durante muitos anos”, disse ele em uma carta da prisão enviada em setembro de 2009. “Certamente considerarei sua solicitação no momento apropriado, que apenas será possível quando o litígio e os inquéritos estiverem concluídos. Tenha a certeza de estar no topo de minha lista. Sei que continuará a ser a jornalista profissional que sempre foi e compreenderá minha posição.”

Quando finalmente se sentou comigo pela primeira vez, a conversa durou mais de duas horas e foi de sua história familiar aos pontos fracos de Wall Street. Sua opinião sobre os efeitos colaterais de seu crime era chocante — outro fio em sua intrincada rede de ilusões. Ele sabia que algumas de suas vítimas iniciais haviam conseguido retirar do esquema Ponzi mais do que haviam originalmente investido; o restante não o fez, mas ele sabia que dividiriam quaisquer valores que seu maciço caso de falência produzisse. Olhando para esses dois fatos, previu — para além de toda lógica — que “as pessoas que investiram comigo se sairão melhor do que se tivessem investido no mercado” durante o colapso de 2008.

Também revelou detalhes do início de sua vida e de sua carreira que estiveram nas sombras até então. A partir desses detalhes, fica claro que o hábito de iludir começou mais cedo do que até ele se dá conta. Já em 1962, como ele próprio admitiu, Bernie Madoff encobriu as grandes perdas que infligiu a clientes ao investir de maneira inadequada suas economias em recém-lançadas ações de alto risco. Os lucros falsamente inflados melhoraram sua reputação e lhe trouxeram mais negócios. No fim da década de

1980, ele usava estratégias obscuras para ajudar seus maiores clientes a evitar o imposto de renda e os controles sobre moedas estrangeiras, avançando ainda mais na direção das fronteiras cinzentas da fraude. Após a quebra de 1987, foi atingido pelas retiradas de investidores de longa data, nomes familiares cujos laços com ele podem ser vistos sob uma nova luz. Disse-me que começou a cobrir essas retiradas inoportunas com o dinheiro dos novos fundos hedge — e seu esquema Ponzi, a clássica fraude de “despir um santo para cobrir outro”, teve nascimento.

Em 1992, estava indubitavelmente falsificando carteiras inteiras de ações, opções e bônus. No fim, seus clientes fraudados incluíam gigantescos investidores institucionais de todo o mundo — do Banco Santander na Espanha ao governo de Abu Dhabi, dos fundos hedge nas ilhas Cayman aos bancos privados na Suíça — e a escala de seu roubo não tem precedentes. No dia de sua prisão, ele deveria estar administrando cerca de US\$ 64,8 *bilhões* de terceiros. Se realmente possuísse esse dinheiro, seria o maior gestor de investimentos do mundo — 50% maior que o gigante bancário JPMorgan Chase, duas vezes maior que o Goldman Sachs e mais de três vezes maior que os fundos organizados pelo lendário investidor global George Soros.⁶

Mas muito pouco desse dinheiro existia realmente. Ele estava falsificando tudo, dos extratos dos clientes aos relatórios regulamentares, em uma escala que minimiza qualquer outro esquema Ponzi da história.

“Em 1998, percebi que jamais sairia dessa”, disse ele durante uma entrevista na prisão.⁷ “Foi quando reconheci o fato de que, em algum momento, o machado cairia sobre mim.”

Quando se tornou claro que jamais sairia do buraco que cavara, por que não fugiu com os milhões remanescentes e buscou refúgio fora do alcance da Justiça norte-americana? “Havia muitas coisas que eu poderia ter tentado durante os anos [para fugir], mas não tentei”, disse ele em agosto. “Jamais pensei em fugir e esconder o dinheiro [...] Jamais passou por minha cabeça fazer isso.”

Então permaneceu, cultivando a confiança e a reputação que sustentavam a fraude em expansão — vivendo uma vida que, em suas palavras, tornara-se “uma máscara” de honestidade e respeitabilidade, como ele chamou.

É claro que sempre haverá mistérios sobre Madoff. Nos meses e anos à frente, investigadores governamentais ainda podem descobrir evidências que expandirão ou lançarão dúvidas sobre o que hoje parece plausível. E intenso ceticismo deve ser sempre empregado ao avaliar as memórias e descrições de Madoff em relação a seus crimes — ele diz a verdade com a mesma elegância que emprega ao mentir, e a fronteira entre verdade e mentira pode mudar em um instante. Com essa advertência, este livro mapeará a obscura rota seguida por ele em sua longa jornada até a destruição e clarificará o que ainda permanece para além das fronteiras desse mapa.

A construção do maior esquema Ponzi da história foi possível graças à Wall Street que Madoff ajudou a construir. Ele desempenhou papel proeminente na modelagem do mercado moderno, das operações informatizadas da NASDAQ, e da mística dos fundos hedge à proliferação dos tortuosos derivativos. Vislumbrou tendências, viu oportunidades, ajudou a escrever o livro de regras e incitou as fraquezas com as quais todos convivemos, mesmo hoje. E foi uma criatura do mundo que ajudou a criar um mundo ávido pelo lucro sem riscos, impaciente com as regulamentações, arrogantemente seguro do sucesso, lamentavelmente iludido sobre o que poderia dar errado e egoisticamente indiferente aos danos causados.

Que sua vida estivesse entremeada tão intimamente à história de Wall Street certamente o ajudou a sustentar seu crime durante tanto tempo. Para entender o escândalo Madoff, precisamos entender a forma fluida do mercado que ele ajudou a construir para o restante de nós, um mercado que se tornou cada vez mais crucial para nossa segurança financeira pessoal, ao mesmo tempo que ficava exponencialmente mais difícil de compreender. Madoff era reconfortantemente fluente na nova linguagem do mercado que todos nós desejávamos aprender ou fingíamos já saber. Ele parecia calidamente confortável em um lugar novo e estranho que fazia com que nos sentíssemos frios e ansiosos.

Se foi um mago perverso, seu poder foi vastamente ampliado pelo fato de todos nós nos mudarmos para o castelo com ele.

1

UM TERREMOTO EM WALL STREET

SEGUNDA-FEIRA, 8 DE DEZEMBRO DE 2008

Ele está pronto para parar e deixar a vasta fraude desmoronar em torno de si.¹

A despeito da postura confiante e da aparente impermeabilidade à crescente agitação do mercado, seus investidores o estão abandonando. Os executivos do setor bancário espanhol que o visitaram no Dia de Ação de Graças ainda querem retirar seu dinheiro. Assim como os italianos que gerenciam os fundos Kingate em Londres, os gestores do fundo em Gibraltar, o fundo holandês nas ilhas Cayman e mesmo Sonja Kohn, em Viena, um de seus maiores financiadores. São mais de US\$ 1,5 bilhão em retiradas, de apenas um punhado de feeders. E então há a constante hemorragia no Grupo Fairfield Greenwich — US\$ 980 milhões durante novembro e outros US\$ 580 milhões previstos para dezembro.

Se ele assinar um cheque para os resgates de dezembro, o cheque será devolvido.

Não há como emprestar dinheiro para cobrir as retiradas. Os bancos não estão emprestando para ninguém, e certamente não para um atacadista de nível médio como ele. A corretora ainda pode parecer impressionante para

seus confiantes investidores, mas, para os nervosos banqueiros e apossados reguladores, a Bernard L. Madoff Investment Securities definitivamente não é “grande demais para quebrar”.

Na semana passada, ele telefonou para um advogado de defesa, Ike Sorkin. Provavelmente não há muito que mesmo um advogado formidável como Sorkin possa fazer a essa altura, mas ele precisará de um representante legal. Marcou uma reunião para as 11h30 de sexta-feira, 12 de dezembro. Ainda não está certo de por onde começar e quando fazer o quê, mas a reunião na sexta-feira deve lhe dar tempo suficiente para resolver as coisas.

Em seu escritório no 19º andar nessa fria e tempestuosa segunda-feira, Bernie Madoff começa a agir. Em torno dele, o cenário é incongruente sereno: móveis de laca preta contra tapetes prateados e paredes cinzentas, com uma graciosa escadaria no centro. Sua empresa ocupa o 18º e o 19º andares do Edifício Lipstick, uma torre distintivamente oval na Third Avenue com a East 53rd Street. Em torno das curvas janelas de cada piso, pranchas de vidro descem do teto para formar iluminados escritórios e salas de reuniões. Escondido atrás de portas trancadas no 17º andar, há um insípido conjunto de escritórios abarrotados que Madoff também aluga, conectados ao restante da empresa apenas pelos elevadores principais e pelas saídas de incêndio do edifício. É lá embaixo, longe de seu escritório iluminado, que, invisível e inexoravelmente, a fraude está desmoronando.

Um pouco antes do almoço, ele fala ao telefone com Jeffrey Tucker, no Fairfield Greenwich. Eles se conhecem há quase vinte anos.

A controlada frustração de Madoff soa ameaçadora na linha telefônica. Que diabos é isso, US\$ 1,2 bilhão em retiradas em pouco mais de um mês? Os executivos do Fairfield Greenwich não vêm prometendo, desde junho, que “defenderiam” contra esses resgates? Eles estão retirando dinheiro até mesmo de seus próprios fundos! Grande defesa.

Ele ameaça: o Fairfield Greenwich tem de substituir os resgates que já se acumulam para 31 de dezembro ou ele encerrará suas contas.² Matará a galinha que fornece todos aqueles ovos de ouro para Tucker, sua esposa, seus jovens sócios e a família de seu cofundador, Walter Noel Jr.

— Meus corretores estão cansados de lidar com esses fundos hedge — blefa ele.³ Várias instituições poderiam substituir o dinheiro e se oferecem para fazer isso há anos. Mas ele “permaneceu leal” ao Fairfield Greenwich.

Calmo como um litigante derrotado, Tucker assegura a Madoff estar trabalhando com Noel em um novo fundo, o Greenwich Emerald, que será um pouco mais arriscado, mas produzirá retornos melhores. Ele venderá facilmente, quando os mercados se acalmarem.

Madoff desdenha da ideia de que Tucker e Noel possam conseguir os US\$ 500 milhões de suas previsões — ainda que os sócios já estejam investindo milhões de seu próprio dinheiro.⁴ É melhor que foquem em manter o dinheiro que estão perdendo, diz Madoff, ou ele vai tirá-los do negócio.

Um trêmulo Jeffrey Tucker escreve um e-mail para os sócios alguns minutos depois. “Acabei de falar com Bernie, que está muito aborrecido”, diz ele, repetindo as ameaças.⁵ “Acho que está sendo sincero.”

Não está. O fundo Fairfield Sentry será encerrado antes de 31 de dezembro, mas não porque Tucker e os sócios não “defenderam” contra os saques, e sim porque contiveram o ceticismo durante vinte anos, determinados a acreditar que sua cesta de ovos de ouro estava segura com Madoff.

Em algum momento do dia, os funcionários do 17º andar que trabalham para Frank DiPascali, braço direito de Madoff, providenciarão a documentação para que Stanley Chais, um dos financiadores de Madoff desde os anos 1970, possa retirar US\$ 35 milhões de uma de suas contas.⁶ Chais tem sido leal a Madoff por muito mais tempo que os caras do Fairfield Greenwich.

Por volta das 16 horas, amigos e clientes começam a chegar para uma reunião do conselho da Gift of Life Bone Marrow Foundation, que ajuda a encontrar doadores de medula óssea para adultos com leucemia. Bernie e Ruth, sua esposa, apoiam o grupo porque seu sobrinho Roger sucumbiu à doença e seu filho Andrew sofre de um mal relacionado, uma forma de linfoma. Sozinhos e aos pares, os membros do conselho sobem a escada oval na recepção do 18º andar, onde fica o staff administrativo da empresa.

No alto da escada, viram à direita e caminham até a grande sala de reuniões de paredes envidraçadas que fica entre o escritório de Madoff e o de

seu irmão Peter. Ruth Madoff se junta a eles. Eleanor Squillari, secretária de Bernie, arrumou água, bebidas e canapés no aparador perto de uma das portas.

Jay Feinberg, diretor executivo da fundação e ele mesmo sobrevivente de leucemia, senta-se em uma das pontas da longa mesa de pedra com alguns dos membros de sua equipe e seu idoso pai, que é membro do conselho.⁷ Bernie está na outra ponta, com Ruth à sua direita. Há pessoas aqui que participaram de cada década de sua vida — Ed Blumenfeld, colega e sócio de seu novo jato; Fred Wilpon, um dos proprietários do time de beisebol New York Mets e seu parceiro desde que eram garotos que cresciam juntos em Roslyn, Long Island; e Maurice “Sonny” Cohn, seu sócio na Cohmad Securities desde meados dos anos 1980, um amigo que partilhou muitas piadas ao longo dos anos e agora partilha seu espaço de trabalho.

Ezra Merkin, financiador e promotor de tantas instituições de caridade judaicas, chega e se ajeita na cadeira quadrada de couro negro ao lado de Ruth. O elegante corretor de ações Bob Jaffe, genro do investidor de Palm Beach Carl Shapiro e parceiro na Cohmad, senta-se por perto. Alguns outros membros do conselho ou voluntários se organizam em torno da mesa. Há um pequeno problema com o telefone, mas, finalmente, eles conseguem se conectar a Norman Braman, o genial ex-proprietário do time de futebol Philadelphia Eagles, que, presume-se, está na Flórida.⁸

Nesse momento, a maioria dos presentes é composta de amigos, admiradores e clientes de Madoff. Em alguns dias, assim como milhares de outros, serão suas vítimas. Suas fortunas serão abaladas e suas reputações questionadas. Suas vidas se tornarão um pesadelo de advogados, litígios, deposições, alegações de falência e batalhas nos tribunais. Eles lamentarão profundamente ter confiado no genial homem grisalho sentado à cabeceira da mesa.

Com Ruth tomando notas, Madoff se volta para a agenda: esforços para levantar fundos e planos para o grande jantar anual da primavera. É necessário um comitê de arrecadação.

— Quem assumirá? — pergunta Madoff. Fred Wilpon se oferece. O restante da discussão é rotina, exceto que alguns membros se lembram de

Feinberg distribuindo cópias da política de conflito de interesses da fundação e recolhendo as cópias assinadas de cada membro para os arquivos.⁹

Às 18 horas, a reunião está terminada. Madoff escolta a esposa e os amigos através da saída particular do 19º andar. Eles saem para a noite de inverno.

TERÇA-FEIRA, 9 DE DEZEMBRO DE 2008

As coisas estão começando a sair do controle. Madoff planejou se reunir com o filho de seu amigo J. Ira Harris, um dos sábios leões de Wall Street e agora genial filantropo em Palm Beach, mas a visita é cancelada.¹⁰

Em vez disso, Madoff se senta com o filho mais velho, Mark, e explica que, a despeito do recente colapso do mercado, teve um ano muito bom em sua consultoria privada de investimentos. Obteve lucro de vários milhões de dólares e deseja distribuir bônus para alguns funcionários, um pouco mais cedo que o habitual. Não em fevereiro, mas agora, esta semana. Ele diz a Mark para organizar a lista dos funcionários da corretora que devem receber os cheques.¹¹

Preocupado, Mark consulta o irmão Andrew.¹² Os dois viram o pai ficar cada vez mais tenso com o avanço da crise de mercado. Somente um probleminha de liquidez no fundo hedge, dissera ele no mês anterior. Mas claramente está mais que apenas preocupado; eles nunca o viram assim. E agora quer liquidar milhões em bônus antecipados — não faz nenhum sentido. Não deveriam estar segurando o dinheiro, com as coisas difíceis como estão? Ele deveria esperar para ver como ficará a situação em dois meses, quando chegar a época dos bônus. Mas Bernie Madoff é um autocrata: ele está no comando e não tolera oposição. Mesmo assim, os irmãos decidem conversar com o pai na quarta-feira e expor suas inquietações.

Depois que os mercados fecham e a empresa começa a esvaziar, Madoff caminha pela área oval onde ficam as secretárias e entra no escritório de Peter.¹³ Peter envelheceu e se isolou nos dois anos desde que o filho morreu. Ainda carrega a foto de Roger na carteira, tirada depois que a leucemia já

deixara suas marcas no rosto outrora bonito. Durante décadas antes da perda, Peter fora o braço direito de Bernie, seu confidente, o guru tecnológico da empresa, o “irmão mais novo”.

Se Peter ainda não sabia sobre o crime do irmão — seu advogado insiste que não —, ficará sabendo agora. Bernie inspira profundamente e pergunta se o irmão tem um minuto.¹⁴ Peter assente e Bernie fecha a porta.

— Preciso falar sobre algo que está acontecendo — diz ele.¹⁵

As pessoas com frequência falam sobre momentos “transformadores”. Alguns deles de fato são. Seu pedido de casamento é aceito. Você ouve “Está contratado” ou “Está demitido” e seu futuro muda instantaneamente. O médico diz “maligno” e tudo fica diferente. Mas qualquer um que tenha passado por isso pode dizer que é profundamente chocante descobrir, em um instante, que tudo que você pensava saber sobre um ser amado é mentira. O mundo estremece nos eixos; quando finalmente se aquieta novamente, você está em um lugar estranho que lembra aquele em que estava antes, mas é totalmente diferente.

Assim, se esse foi o momento em que Peter Madoff descobriu sobre o crime do irmão, parece improvável que tenha imediatamente contemplado a ruína de sua carreira e da fortuna da família ou se preocupado com a série de ações civis e investigações criminais que ocorreriam nos anos seguintes. Esses pensamentos certamente viriam depois. Mas, se a notícia chegou até ele de forma inesperada, é muito mais provável que sua mente apenas tenha parado e tentado rebobinar toda a sua vida em um segundo, para voltar a algo real e verdadeiro.

Peter é advogado e diretor de conformidade da empresa — sempre foram casuais sobre títulos, mas agora eles importam. Ele ouve enquanto Bernie explica que distribuirá bônus e enviará cheques de resgate para os mais próximos, a fim de realizar quaisquer reparações possíveis antes de se entregar. Ele precisa somente de mais alguns dias. Já tem uma reunião marcada com Ike Sorkin na sexta-feira.

Talvez ainda esperando que o mundo pare de balançar, Peter diz:

— Você precisa contar a seus filhos.¹⁶

Mark e Andrew já haviam conversado com o tio Peter sobre sua preocupação com o pai, que ficara cada vez mais inquieto nas últimas semanas. Eles insistiam em perguntar: “Está tudo bem com papai?” Peter sabe que estão assustados. Novamente, diz a Bernie:

— Você precisa contar a eles.

Ele vai, ele vai. Mas ainda não decidiu quando.¹⁷

QUARTA-FEIRA, 10 DE DEZEMBRO DE 2008

Em algum momento da manhã, Eleanor Squillari vê Ruth Madoff fazer uma rápida visita ao escritório. Seguindo instruções de Bernie, ela retira US\$ 10 milhões da conta de investimentos na Cohmad e os transfere para sua conta bancária no Wachovia, a fim de poder emitir cheques se ele precisar de dinheiro. Não seria surpresa se ela pensasse que o marido precisava do dinheiro para cobrir os saques do fundo hedge — talvez se lembrasse dos problemas no Bear Stearns em fevereiro e temesse que Bernie estivesse enfrentando a mesma situação. O estresse do mercado era aparente para todos.

Madoff esteve em sua mesa desde às 9 horas, trabalhando em silêncio no que parece um monte de números. Na verdade, provavelmente está assinando 36 dos cem cheques que DiPascali preparou na última semana — em um total de US\$ 173 milhões para amigos, funcionários e familiares, encerrando suas contas.

Peter Madoff o procura logo cedo, insistindo para que partilhe a terrível notícia com os filhos. Bernie concorda que precisa fazer isso, mas ainda não sabe quando. Hoje à noite é a festa de fim de ano do escritório. Talvez não seja o momento certo. Uma vez que conte a eles, precisarão de tempo para se habituar. Talvez o fim de semana seja melhor.

Ele telefona para Ike Sorkin e pede para reagendar a reunião para as 10 horas de segunda-feira, 15 de dezembro. Sorkin concorda e muda a data.

Mas o cronograma foge a seu controle.

No meio da manhã, Mark e Andrew Madoff passam pela mesa de Squillari e entram no escritório do pai. De acordo com ela, Peter Madoff também entra e se senta no sofá ao lado da mesa. Com pernas e braços cruzados, Peter parece abatido — “como se o ar tivesse sido esvaziado dele”, lembra ela. Mark e Andrew se sentam em frente à mesa, com as costas para a porta.

Os filhos de Madoff não estão acostumados a desafiar as decisões do pai sobre a direção dos negócios. A corretora, afinal, pertence inteiramente a ele; ele retém todas as ações. Se quiser despedi-los hoje mesmo, pode fazê-lo. Mas precisam dizer alguma coisa. Mark aborda a questão dos bônus, dizendo que ele e Andrew concordam que o pagamento é prematuro e insensato.

Madoff inicialmente tenta tranquilizá-los.¹⁸ É como ele disse: teve um bom ano, obteve lucro com a administração financeira e acha que é uma boa hora para distribuir o dinheiro.

Os filhos permanecem firmes e questionam a explicação.¹⁹ Não seria mais prudente manter o dinheiro no caso de precisarem reabastecer o capital da empresa? Enquanto persistem, o pai fica visivelmente irritado. Ele se ergue da cadeira e olha para a área oval atrás de si. Seu escritório é um aquário. Como pode um homem com tanto a esconder terminar sem um único lugar em seu próprio escritório para falar com os filhos em particular?

Ele diz aos filhos que já não é capaz de “manter as coisas funcionando”.²⁰ Precisa conversar com eles a sós e pede que o acompanhem até seu apartamento na East 64th Street. Então telefona para Ruth a fim de avisar que estão chegando.

As memórias da partida estão misturadas sem muita lógica, fragmentadas pelos eventos que se seguiram. Eleanor Squillari se lembra de perguntar a Bernie aonde iam e de receber a resposta de que estavam saindo.²¹ Mark murmura algo sobre compras de Natal. Um dos filhos pega o casaco de Madoff no closet e o ajuda a vesti-lo. Ele levanta a gola, como se estivesse se preparando para uma tempestade. Squillari acha que eram 9h30 quando telefonou para o 17º andar e pediu que um dos motoristas apanhasse o carro. Mas o motorista mais tarde afirmou que levava quase 90 minutos para chegar com o sedã.²² Parece improvável que pai e filhos tenham esperado

com seus casacos por 1h30 quando podiam chamar um táxi ou caminhar até o apartamento em menos de 20 minutos. É um detalhe do qual ninguém se lembra.

Finalmente, embarcam no grande sedã preto, com Mark na frente e Andrew e o pai atrás.²³ Eles escolhem um assunto seguro para discutir na frente do motorista: os netos de Bernie. Chegam ao apartamento e chamam o elevador para a cobertura.

Ruth os recebe e eles vão para o estúdio que Madoff tanto adora, um escuro refúgio de tapeçarias e macio couro cor de vinho, com antigas pinturas náuticas nas paredes recobertas de painéis de madeira e prateleiras abarrotadas de livros cercando as janelas.²⁴

Madoff desmorona ao falar com a esposa e os filhos; quando começa a chorar, eles o imitam. Ele conta que toda a consultoria de investimentos era uma fraude, uma imensa mentira, “basicamente, um gigantesco esquema Ponzi”.²⁵ Ele está acabado. Não tem “absolutamente nada”. A empresa — o negócio da família, onde os filhos trabalharam a vida inteira, e onde esperavam passar o restante de suas carreiras — está insolvente, arruinada. Ele diz que as perdas com a fraude podem chegar a US\$ 50 bilhões. Nenhum deles consegue realmente apreender tal valor, mas sabem que milhões foram confiados a ele por sua família, gerações de parentes de Ruth, seus funcionários e a maioria de seus amigos mais próximos.

Madoff assegura que já contou a Peter sobre a fraude e pretende se entregar em uma semana. E diz que, na verdade, ainda tem vários milhões; essa parte é verdadeira. Antes de se entregar, planeja pagar certos funcionários leais, membros da família e amigos.²⁶

A essa altura, Ruth e os filhos estão em estado de choque. Ela pergunta ao seu marido, que chora: “O que é um esquema Ponzi?”²⁷ Mark está cego de fúria. Andrew está prostrado. Em certo momento, deixa-se escorregar até o chão, às lágrimas. Em outro, passa os braços em torno do pai com uma ternura que fica marcada na memória de Madoff.²⁸ Quando seu mundo parar de balançar, ele dirá que o que o pai fez foi “uma traição paterna de proporções bíblicas”.²⁹

Os irmãos deixam o apartamento e dizem ao motorista para esperar pelo pai, inventando alguma desculpa sobre almoçarem juntos.³⁰

Eles concordam que precisam avisar sobre a confissão chocante, mas nenhum deles sabe como o fazer. Mark pensa em telefonar para o padrasto de sua esposa, Martin London, sócio aposentado do escritório de Nova York da Paul, Weiss, Rifkind, Wharton & Garrison. London os encaminha ao Beekman Tower Hotel, onde ele e a esposa estão vivendo temporariamente. London é um litigante formidável e um advogado honrado.³¹ É ainda é uma das pessoas que confiou em Bernie Madoff. Seguindo o conselho de Mark, investiu com o gênio da família.

Os irmãos contam a ele o que o gênio da família acabou de revelar. London também fica chocado, mas seus instintos legais entram em ação. Ele imediatamente procura um colega mais jovem na Paul & Weiss chamado Martin Flumenbaum, um dos maiores astros dos tribunais de Manhattan.³²

Flumenbaum, um homem baixo e rotundo com um rosto sorridente, está a várias horas de distância, em um tribunal federal em Hartford, Connecticut. Seguindo as regras do tribunal, entregara o telefone celular ao passar pela segurança naquela manhã. Ao recuperá-lo, vê as mensagens urgentes de Nova York.

Por volta das 13 horas, Flumenbaum telefona e é informado sobre a confissão surreal que Bernie Madoff fez aos filhos.³³ Ele diz a London que não conseguirá chegar ao Beekman antes das 15 horas, e Mark decide aguardar em seu loft no centro. Andrew retorna à corretora e espera, confuso e sozinho, em seu escritório de paredes de vidro.

A fachada art déco do Beekman está perdida no chuvoso crepúsculo de inverno quando o motorista de Mark estaciona em frente ao edifício. Mark se junta a Andrew na suíte de London. O motorista aguarda, mas, após 90 minutos, Mark telefona e lhe diz para ir em frente e comparecer à festa do escritório.³⁴

Flumenbaum e um associado chegam em breve. Quando se sentam para conversar, Mark e Andrew repetem a chocante história, acrescentando alguns detalhes explicativos.³⁵ A consultoria financeira de Madoff

opera em um pequeno escritório em um andar separado. Sempre pareceu bem-sucedida — sabem que trabalha com grandes fundos hedge e já recusou ricos potenciais clientes —, mas o pai a manteve muito privada e praticamente trancada a sete chaves. Dezenas de membros da família permitiram que Bernie administrasse suas economias, fundos fiduciários e contas de aposentadoria. Mark e Andrew sabem que ele não usou a mesa de operações para comprar ou vender investimentos a seus clientes particulares — sempre dissera estar empregando suas “contrapartes europeias”. Como tinha um escritório em Londres e passava certo tempo por lá, a afirmação fazia sentido.

Agora nada mais faz sentido. Seu pai, o homem que haviam admirado durante toda a vida, instantaneamente os levara da fortuna à ruína. Não é o gênio financeiro e o estadista de Wall Street que sempre acreditaram ser, mas um trapaceiro, um ladrão, um vigarista de dimensões quase inimagináveis. Como podem ter se enganado tanto a respeito do próprio pai?

Essas não são as preocupações imediatas de Marty Flumenbaum. Madoff deixou claro para os filhos que pretende manter o comportamento criminoso por mais uma semana, distribuindo o que os procuradores em breve chamarão de “ganhos ilícitos” para familiares, funcionários e amigos. O vasto crime ainda não acabou; é uma obra em andamento. Os irmãos não têm escolha, diz ele a seus novos clientes. Precisam relatar imediatamente a conversa — a confissão — às autoridades federais.

Flumenbaum conhece gente muito importante no gabinete do procurador em Manhattan e no escritório nova-iorquino da Securities and Exchange Commission [o equivalente norte-americano à Comissão de Valores Mobiliários]. Ele dá alguns telefonemas. Quando fala com seu contato na SEC, resume os eventos da tarde, as alegações de esquema Ponzi e a estimativa do próprio Bernie de que as perdas podem chegar a US\$ 50 bilhões.

Há uma pausa do outro lado da linha, e então a tensa pergunta: *bilhões*, com *b*?³⁶

Sim. *Bilhões*, com *b*.

As engrenagens investigativas começam a girar. O FBI reúne seu time de combate aos crimes financeiros. A SEC, não pela primeira vez, abre um arquivo chamado “Madoff, Bernard L.”.

*

Não está precisamente claro como Madoff passou o restante do último dia em que seria capaz de ir a algum lugar sem ser reconhecido. Ele se lembra de retornar ao escritório, de Andrew estar lá e lhe dizer que ele e Mark haviam consultado um advogado.³⁷ Segundo Eleanor Squillari, ele não voltou ao escritório no 19º andar; ela se lembra de ter telefonado para seu celular várias vezes, mas sempre ser encaminhada para a caixa postal.

Lembranças contraditórias também distorcem o que aconteceu durante o restante desse dia bizarro. Para Bernie Madoff e a família, o dia já estava entalhado com ácido em suas mentes e corações — mas, para os motoristas e outros funcionários menores, era simplesmente o dia da festa de Natal do escritório. Para eles, sua devastadora importância só seria conhecida dali a 24 horas. Desse modo, inevitavelmente, algumas peças do quebra-cabeça simplesmente não encaixam.

Mesmo assim, Squillari tem certeza de que teria visto o chefe se ele tivesse retornado ao escritório. Há uma carta entregue em mãos esperando por ele, de Jeffrey Tucker, do Fairfield Greenwich. Nela, Tucker se desculpa por não manter Madoff informado sobre os resgates pendentes e promete fazê-lo no futuro. “Você é nosso parceiro comercial mais importante e um amigo imensamente respeitado [...] Nossa missão é permanecer nos negócios com você e manter sua confiança”, diz a carta.³⁸

Talvez Madoff apenas tenha ido diretamente do lobby para o 17º andar, onde Frank DiPascali e alguns funcionários trabalham nos cheques que planejava distribuir.

*

Após a longa reunião com Flumenbaum, Andrew Madoff retorna a seu moderno e arejado apartamento no Upper East Side. Sem tirar o casaco, permanece imóvel sobre a cama durante horas — talvez esperando que o mundo pare de balançar.³⁹

Jamais ocorre a Mark ou Andrew comparecer à festa de Natal já em andamento no Rosa Mexicano, um alegre restaurante mexicano no qual a empresa também realizara a festa do ano anterior. O evento de hoje acontece no mundo em que costumavam viver. Não conseguem chegar até lá partindo do mundo em que vivem agora.

Não ocorre a Bernie e Ruth *não* comparecer. Eles estão no piloto automático, tentando apenas se manter funcionais.⁴⁰ Que explicação poderiam dar para não comparecer? Nenhum deles conseguiria ao menos telefonar para informar a ausência sem desmoronar. Talvez comparecer à festa fosse simplesmente o caminho de menor resistência, a única opção que manteria a realidade afastada por mais algumas horas, mais alguns dias.

Assim como as imagens do dia, as memórias da noite da festa colidem e conflitam, oscilam e se alteram.

Uma pessoa se lembra de que Madoff surpreendeu o staff oferecendo a festa uma semana antes do usual.⁴¹ Mas ela é realizada na mesma semana, quase no mesmo dia, que a festa do ano anterior — e nem mesmo Bernie conseguiria alterar a reserva em um restaurante tão popular, durante as festas de fim de ano, em tão pouco tempo.

Alguns contam que jamais disse uma palavra durante a noite, sentando-se em silêncio com Ruth em um canto do bar e evitando a multidão. Outros dizem que tinha “uma expressão morta no rosto”,⁴² com “aquele olhar longínquo”, e parecia chocado, muito tenso, “fora de si”.⁴³ Mas Squillari se lembra dos Madoff se comportando normalmente, “como se não tivessem um único problema no mundo”.⁴⁴ Dois outros convidados e amigos concordam, embora afirmem que Madoff talvez parecesse um pouco mais emotivo, abraçando e beijando membros da família e amigos com mais frequência que o normal. Ruth também conversou com alguns funcionários, cumprindo desconfortavelmente os familiares rituais festivos. Mas deve ter sido um

grande esforço — após cerca de meia hora, ela estava pronta para partir. Madoff se lembra de eles permanecerem na festa “por algumas horas”.⁴⁵

Todo mundo se lembra de “um bufê de tacos, um bufê de guacamole, um bar e garçons passando com frozen margaritas de romã, duas das quais poderiam derrubar uma pessoa”⁴⁶ — e com apenas uma sendo suficiente para manter memórias claras e ordenadas sobre a efêmera noite longe do alcance de todos, para sempre.

Além das comidas e bebidas, há outra coisa sobre a qual todos concordam: Andrew e Mark Madoff eram esperados, mas não compareceram.

Quando ele e a esposa vão para casa, é óbvio que Bernie Madoff não espera que os eventos saiam do controle tão rapidamente como sairão. Os filhos tiveram muito tempo para entregá-lo durante a tarde e, mesmo assim, ninguém apareceu no escritório ou no apartamento para prendê-lo. Ninguém telefonou para exigir que comparecesse a um interrogatório. Ele se sente confiante de que terá vários dias para ajeitar as coisas, antes de se entregar.⁴⁷

QUINTA-FEIRA, 11 DE DEZEMBRO DE 2008

Por volta das 7h30 dessa chuvosa manhã, o agente especial do FBI Ted Cacioppi e seu parceiro B. J. Kang dirigem até o edifício de Madoff, na esquina da East 64th com a Lexington. Cacioppi, um jovem de constituição poderosa e cabelo castanho bem curto, está acordado desde as 4 horas, discutindo a delicada natureza de sua tarefa com superiores, promotores federais e advogados da SEC.

Não há indicição. Não há prova concreta de fraude — apenas as declarações dos dois filhos de Madoff. Uma prisão precipitada poderia atrapalhar a investigação. Mas, se o FBI demorar para realizar a prisão, ele pode fugir, talvez levando o restante do dinheiro consigo. Finalmente, decide-se que os agentes do FBI o visitarão e perguntarão polidamente se tem algo a dizer sobre a história dos filhos.

Deixando dois outros agentes no carro, Cacioppi e Kang exibem seus distintivos na portaria e entram no elevador para a cobertura, enquanto o surpreso porteiro interfone para avisar.

Madoff estava se vestindo para o trabalho no espaçoso closet no andar abaixo da entrada da cobertura dupla.⁴⁸ Alertado pelo porteiro, sobe as escadas e abre a porta, vestindo um leve roupão azul sobre o pijama. Os agentes entram no hall do apartamento, com suas lanternas de carruagem e imenso relógio-cuco. Ruth, assustada com a chamada do porteiro, rapidamente veste jeans e uma camiseta polo, e se une a eles no vestíbulo.

Madoff está surpreso, mas diz:

— Sei por que estão aqui.

— Estamos aqui para descobrir se existe uma explicação que o inocente — diz Cacioppi.

— Não há explicação que me inocente — responde Madoff.⁴⁹

Cacioppi pergunta se há algum lugar em que possam conversar. Madoff os conduz até o estúdio, onde se reunira com a esposa e os filhos menos de 24 horas antes. Ele se senta em uma poltrona e convida os agentes a se sentarem no sofá de couro em frente a ela. O agente Kang silenciosamente toma notas enquanto Cacioppi faz perguntas e Madoff responde.

Falando sem emoção aparente, Madoff confirma o que disse ao irmão e aos filhos: esteve operando um esquema Ponzi, pagando lucros aos investidores com “dinheiro que não estava lá” — na verdade, dinheiro retirado de outros investidores.⁵⁰ Está quebrado, insolvente. Sabe que não pode continuar. Espera ir para a prisão.

Na ausência de indiciação formal, Cacioppi não tem certeza de que efetuará uma prisão. Ele entra no banheiro mais próximo e telefona para o escritório, explicando os fatos. É orientado a prender Madoff por “causa provável”.

Madoff pede licença para se vestir, escolhendo um traje dispendioso: calça cinza, blazer azul-marinho de tecido macio e impecável camisa listrada de azul e branco, com o colarinho aberto. Foi informado pelos agentes sobre as restrições da prisão: nenhum cinto, cadarço, gravata ou joia.

Durante esse tempo — talvez enquanto Madoff está se vestindo, talvez antes —, Ruth telefona para o escritório e pergunta a Squillari se Mark ou Andrew já chegaram. Ainda não. Squillari ouve Ruth dizer a alguém, provavelmente Bernie: “Eles não estão lá.”⁵¹

Quando Madoff termina de se vestir, os agentes se preparam para levá-lo para o centro. Ele pede que Ruth telefone para Ike Sorkin, veste uma capa de chuva de sarja cinza e é algemado. Ele e os dois agentes descem pelo elevador, caminham rapidamente pelo pequeno lobby escuro e saem para a manhã chuvosa. Madoff é colocado no banco de trás do carro. Kang se senta atrás do motorista e o carro parte.

Cacioppi se dirige para o Rockefeller Center, onde se encontrará com os filhos de Madoff no escritório de seu advogado, a fim de esboçar a declaração juramentada que entregará ao tribunal para iniciar o processo.

*

Peter Madoff chega ao escritório incomumente cedo. Quando Squillari nota sua presença, ele está reunido com alguns estranhos em uma pequena sala de reuniões no 18º andar.⁵² A recepcionista diz que se identificaram somente como “advogados”. Então um homem brusco vestindo um impermeável chega para se unir a eles, mostrando um distintivo — talvez um agente do FBI, unindo-se ao time já presente da SEC e da FINRA [Financial Industry Regulatory Authority], a agência autorregulatória da indústria financeira.

Com tudo isso, além do telefonema de Ruth perguntando pelos filhos, o primeiro pensamento de Squillari é de que alguém foi sequestrado. Ou talvez seja um caso de extorsão. Madoff ainda não apareceu.

Frank DiPascali e sua colega de longa data, Annette Bongiorno, chegam separadamente ao 17º andar e ambos perguntam a Peter o que está acontecendo. Peter conta que Bernie foi preso por fraude de títulos. Ambos partem, abatidos, e, de acordo com Squillari, sem mais perguntas. Outros

acreditam ter visto DiPascali chorando com um grupo de funcionários do lado de fora do escritório de Sonny Cohn, vomitando no banheiro masculino e abraçando um colega. Sem ser visto por eles, DiPascali também tenta apagar informações sensíveis dos computadores do 17º andar.⁵³

*

Madoff é levado até o centro, para os escritórios do FBI no número 26 da Federal Plaza, no edifício de 42 andares que forma a borda oeste da praça Foley e é o centro do maquinário judicial e legal de Manhattan. Incapaz de achar uma vaga, o motorista leva Madoff e Kang até uma entrada para funcionários perto de um pequeno playground. Eles passam apressadamente pelo lobby movimentado e chegam às portas à prova de balas que protegem os elevadores exclusivos do FBI.

Ao chegar aos escritórios do FBI no 23º andar, Madoff é conduzido até a sala 2.325, um pequeno espaço sem janelas do tamanho de um closet suburbano. Há uma mesa, duas cadeiras e um telefone. Madoff se senta, Kang remove a algema de um de seus pulsos e a prende no braço da cadeira. Madoff recebe permissão para usar o telefone e ligar para o advogado. Ele liga para o celular de Ike Sorkin.

Ruth ainda não conseguira falar com Sorkin porque ele fora para Washington a negócios no dia anterior e aproveitara a manhã livre para levar a neta à escolinha nos subúrbios de Maryland.⁵⁴

Quando seu celular toca, ele vê um número desconhecido de Manhattan e atende.

— Ike, é Bernie Madoff. — Ele rapidamente explica que está algemado a uma cadeira no escritório do FBI; está preso.⁵⁵

— Bernie, não diga mais nada — aconselha Sorkin imediatamente, sussurrando enquanto as crianças em torno seguem a orientação da professora e imitam o som de vários animais. Ele sai da sala apressadamente, notando que o celular está quase sem bateria. Pede a Madoff que coloque Kang na linha e então diz com firmeza ao agente para não questionar seu

cliente até que um de seus representantes esteja presente. Em seguida, telefona para a secretária, Maria Moragne, e lhe pede que localize seu sócio Daniel J. Horwitz.

Dan Horwitz, um homem de cerca de 40 anos com aparência de menino, óculos de armação de chifre e cabelo castanho, está em um café da manhã político no escritório jurídico de seu sogro em Midtown. Antes de trabalhar com Sorkin, ele fora um dos “garotos de Morgy”, os agressivos procuradores-adjuntos treinados pelo quase legendário procurador de Manhattan Robert Morgenthau. Como Sorkin, Horwitz conhece a rotina processual criminal de trás para a frente.

Maria consegue falar com ele pelo celular. Um dos clientes de Ike foi preso, diz ela — a sala está barulhenta e ele não entende o nome. Vai para o corredor e pede que ela repita: Bernie Madoff. Horwitz encontrou Madoff em alguns eventos de caridade. Maria diz que Ike lhe pediu que telefonasse para Peter Madoff e volta imediatamente para o escritório.

Dirigindo por Manhattan, Horwitz tenta sem sucesso falar com Sorkin, cujo telefone finalmente ficou sem bateria. Quando chega ao escritório, ele liga imediatamente para William F. Johnson, o formidável chefe da força-tarefa contra fraudes em títulos e commodities da procuradoria de Manhattan. A unidade é uma das principais equipes de combate a crimes de colarinho branco do país, e também uma das mais antigas — foi criada em 1960, muito antes de os oficiais do Departamento de Justiça reconhecerem a necessidade de habilidades especiais ao lidar com casos de fraude. Horwitz conhece Bill Johnson há anos e sua ligação é transferida rapidamente.

A conversa é breve: os procuradores ainda não têm nada além das palavras de Madoff, ditas a eles ou aos filhos. Mas as informações que Bill Johnson pode partilhar com Horwitz sem dúvida não são encorajadoras: seu cliente fez várias declarações ao FBI, obviamente muito danosas.

Horwitz descobre que Madoff ainda está no escritório do FBI no centro, agora no 26º andar, sendo fotografado e tendo as digitais colhidas. Os agentes do FBI esperam atravessar em breve a praça Foley com Madoff, conduzindo-o até o tribunal federal, onde será processado pelos delegados federais.

Rearranjando rapidamente seu dia, Horwitz convoca sua jovem e bem-sucedida colega Nicole De Bello, uma elegante loira que é parte do time de Sorkin há seis anos. Eles vão para o centro, até o novo tribunal federal na Pearl Street, 500, que se ergue atrás do clássico tribunal estadual em forma de hexágono no lado leste da praça Foley. Ao passar pela segurança, entregam seus telefones celulares — ordens do tribunal. Durante o restante do dia, dependerão de telefones públicos para navegar entre Sorkin, que está vindo de Washington; seu próprio escritório; Ruth Madoff, em seu apartamento; e um serviço de motorista.

Eles correm até o gabinete de serviços pré-julgamento, no 5º andar, onde Madoff aguarda. Precisam descobrir o máximo que puderem sobre o caso e conseguir que ele seja liberado sob fiança.

Madoff está sentado sozinho em uma pequena sala de reuniões sem janelas. Relata tudo o que aconteceu e como terminou naquela sala.

Eles o interrogam o mais polidamente que conseguem.⁵⁶ Quais são as evidências contra você? O que disse a seus filhos? O que disse ao governo? A entrevista continua durante a hora do almoço. Um deles encontra um telefone público e liga para Ruth, pedindo que se junte a eles no gabinete de serviços pré-julgamento e explicando como encontrá-lo.

Ruth Madoff já está vestida: jeans, blusa branca e blazer. Está pronta desde que Bernie foi levado, embora as horas até receber o telefonema pareçam um borrão. Ao deixar o apartamento, veste um cachecol vermelho de caxemira e um casaco verde-oliva. Então sai para a chuva.

*

Enquanto isso, o escritório de Madoff está um tumulto. Batalhões de contadores e investigadores do FBI, da SEC e da FINRA chegaram em peso — somente a SEC enviou mais de uma dúzia de pessoas —, enquanto esquadrões de advogados governamentais vão ao tribunal para assumir o controle da corretora de Madoff.

Mesmo assim, ainda há negócios legítimos em andamento, em uma mesa de operações na qual trêmulos funcionários tentam evitar telefonemas e

recebem ordens de algumas das maiores empresas de Wall Street. Transações precisam ser finalizadas, a participação no pregão precisa ser encerrada, câmaras de compensação precisam ser informadas e contas bancárias precisam ser congeladas. As complexidades legais das próximas 24 horas são estarrecedoras, mesmo em retrospecto.

Quem, no caótico escritório, é inocente? Quem pode dizer? Os funcionários parecem confusos e estressados. Peter Madoff e a filha Shana, também advogada da empresa, afundam sob as perguntas e tentam oferecer orientações simples: os arquivos ficam aqui, os computadores ficam lá adiante e a consultoria de investimentos de Bernie fica no 17º andar, descendo as escadas.

Outro jovem colega de Ike Sorkin, Mauro Wolfe, foi designado para auxiliar Peter Madoff durante a crise regulatória que engolfa a empresa. Por volta das 11 horas, a secretária de Sorkin alerta Wolfe de que alguém chamado Andrew Calamari, da SEC, telefonou para ele. Wolfe, ex-advogado da SEC, o conhece bem e prontamente retorna a ligação. Calamari o coloca no viva voz.

— Queremos alertá-lo — diz Calamari, com a voz tensa e dura. A Madoff Securities é uma corretora de US\$ 1 bilhão. Há uma séria fraude em andamento. A SEC vai pedir uma ordem judicial para assumir o controle da empresa e congelar todas as transações financeiras. Os advogados da SEC estão tentando encontrar um juiz que concorde em realizar imediatamente uma audiência por teleconferência: Wolfe será capaz de participar?

É claro.

Wolfe telefona para Peter Madoff — uma das incontáveis conversas que terá com Peter e Shana nesse dia. As perguntas de Peter são óbvias: o que a empresa deve fazer? O que ele deve dizer aos clientes? Wolfe sem dúvida lhe diz que a SEC obterá uma ordem judicial para suspender as operações e congelar os ativos da corretora.

Dentro de algumas horas, a empresa de 48 anos chamada Bernard L. Madoff Investment Securities é tomada pelos reguladores, que encerrarão suas atividades e a desmantelarão.

Em algum momento do dia, investigadores federais removem uma grossa pilha de cheques do escritório de Bernie Madoff. Emitidos sob orientação de DiPascali e assinados por Madoff no dia anterior, eles chegam a US\$ 173 milhões, pagáveis a vários membros da família e amigos. Madoff dissera aos filhos que pretendia distribuir entre US\$ 200 e 300 milhões; essa seria a primeira parte.

Enquanto investigadores e contadores correm para impedir que o navio naufrague até que consigam chegar a um porto seguro, seu capitão está no centro da cidade, respondendo calmamente às perguntas dos advogados sobre o quanto pode pagar de fiança. Ele tem a cobertura, a casa de praia em Montauk, Long Island, e a casa da Flórida — todas quitadas e sem dívidas. Madoff fizera com que Ruth transferisse o dinheiro da conta de investimentos para a conta bancária, então ela pode emitir cheques. Quanto os procuradores exigirão?

Horwitz ainda não sabe. Em algum momento após as 13 horas, ele encontra um telefone e liga para o gabinete do procurador, a fim de perguntar sobre o andamento da documentação oficial. Até que esteja pronta, nada pode acontecer — nenhuma audiência, nenhuma decisão sobre a fiança, nenhuma soltura.

Marc Litt, um discreto procurador-adjunto, já está ocupado com uma grande investigação de uso de informações privilegiadas quando é designado para o caso Madoff. Ele atende a ligação de Horwitz e ouve enquanto o advogado defende a possibilidade de que Madoff aguarde o julgamento em liberdade. Os promotores não têm evidências para além da confissão. Na verdade, ele se entregou ao confessar para os filhos. Para Horwitz, a proposta parece perfeitamente razoável.

A barganha começa. Nada que Horwitz propõe satisfaz Litt — nem a liberação, o apartamento de US\$ 7 milhões em Manhattan oferecido como fiança ou a assinatura de Ruth Madoff como fiadora do marido.

— Eu preciso de mais — diz ele.

Ok, e quanto à esposa e ao irmão como fiadores?

— Eu quero quatro assinaturas — responde Litt.

Quatro? Horwitz sabe que os filhos de Madoff o entregaram ao governo na noite anterior. Será que concordarão em pagar a fiança do pai, depois de tudo o que fez? Ele faz uma contraproposta:

— Por que não adicionamos outra propriedade? — Ainda há Montauk ou Palm Beach.

— Não, tente conseguir quatro assinaturas. Ao menos tente.

As negociações sobre a fiança — que seria disputada, criticada e litigada durante semanas — levam menos de 5 minutos.

À espera da documentação, Horwitz também aguarda Ruth e vigia o relógio. Pretende tirar Madoff do tribunal sob fiança, antes que a imprensa chame reforços. Com o passar das horas, a chance de uma saída discreta evapora. No meio da tarde, as entrevistas com Madoff chegam ao fim e os delegados federais o levam para uma cela de contenção na ampla sala de audiências do 1º andar, conhecida como Parte Um, onde os réus federais são denunciados perante um juiz magistrado. Horwitz e De Bello se reúnem a Ruth Madoff, pegam um elevador para o lobby e caminham na direção da Parte Um. Horwitz fala brevemente com Madoff na cela de contenção e se junta a Ruth e Nicole na sala de audiências lotada.

O juiz magistrado federal Douglas Eaton, que determinará a fiança de Madoff, não está tendo um bom dia. Toda a sua manhã foi passada discutindo o destino de Marc S. Dreier, um advogado corrupto de Manhattan que fora preso no domingo anterior e acusado de vender mais de US\$ 500 milhões em notas promissórias falsas para fundos hedge. Os promotores alegavam que liberar Dreier sob fiança apresentava “enorme risco de fuga”. Mas o advogado de Dreier se recusava a desistir.

Quando o juiz Eaton finalmente negou a fiança a Dreier, os casos haviam se acumulado. Um deles é sobre uma apreensão de drogas com inúmeros réus, alguns dos quais não falam inglês. Tradutores são convocados. Horas se passam.

Horwitz encontra um telefone público e chama um carro. Ele tenta rascunhar uma declaração apropriada para os repórteres que já se amontoam na sala de audiências. Já passa bastante das 17 horas quando

a documentação legal fica pronta. Finalmente, o meirinho do juiz Eaton chama o caso *Estados Unidos da América v. Bernard L. Madoff*.

Madoff, parecendo emaciado e mal barbeado, com um pequeno corte na bochecha esquerda, é trazido da cela de contenção enquanto Ruth observa de um dos bancos lotados. Litt informa ao juiz sobre o acordo que fez com Horwitz — fiança de US\$ 10 milhões, com quatro “pessoas financeiramente responsáveis” como fiadoras. As viagens serão limitadas à área de Nova York, Long Island e Connecticut, e Madoff entregará seu passaporte.

Após a turbulenta sessão do caso Dreier, o juiz Eaton está confiante sobre liberar Madoff sob fiança. Eis um homem que, após confessar para os filhos, “não tomou nenhuma medida extraordinária e simplesmente ficou sentado, esperando ser preso”, dirá ele mais tarde.⁵⁷ Sem objeção dos promotores, ele decide que Madoff será liberado imediatamente, mediante sua assinatura e a de Ruth, com as outras condições podendo ser satisfeitas mais tarde.

Horwitz e De Bello conduzem Ruth até o escritório da administração, no mesmo andar, para assinar os documentos da fiança, e então os Madoff estão livres para ir embora. Três repórteres se amontoam em torno deles, fazendo perguntas, mas Horwitz e De Bello os empurram para a noite chuvosa, e os repórteres não os seguem.

Enquanto se apressam na direção do carro que os aguarda, um fotógrafo registra uma imagem de Madoff, com as gotas de chuva na capa cinza brilhando como diamantes sob o flash da câmera. Horwitz ajuda Madoff a embarcar rapidamente no banco da frente e então se espreme no banco de trás com De Bello e Ruth. A chuva apertou e o trânsito está horrível. São quase 19 horas quando o carro deixa os Madoff em seu apartamento.

A essa altura, Ike Sorkin aterrissou no Aeroporto La Guardia e está recarregando a bateria do celular no cinzeiro do carro parado no grande estacionamento cheio de poças d’água. Ele telefona para o escritório e se assegura de que todas as tarefas legais foram executadas antes de ligar o

carro e partir. Quando chega a sua casa em Long Island, ele e Horwitz falam longamente sobre o caso Madoff. Os dois tenazes defensores têm de jogar com cartas ruins. Madoff confessou a um agente do FBI em seu próprio vestibulo. A menos que provem que está delirando ou é insano, não há muito que possam fazer.

Antes da meia-noite, as notícias que chocaram Wall Street durante a tarde se espalham como fogo pelo país. Bernie Madoff, um pioneiro do moderno mercado de ações e o homem em quem os reguladores confiaram e consultaram durante décadas, foi preso após confessar o que ele mesmo chamou de esquema Ponzi de US\$ 50 bilhões.

Ainda que alguém jamais tenha ouvido falar de Bernie Madoff, o tamanho da fraude — *US\$ 50 bilhões!* — garante que o fato chamará atenção. Mesmo em tempos normais, a fraude teria sido notícia, e os tempos não são nada normais. O sistema financeiro está cambaleando sob falências e resgates financeiros. O ano de 2008 desafia o de 1929 como o mais assustador e agitado da longa história de Wall Street. O banco de investimentos Bear Stearns falira. Fannie Mae e Freddie Mac, os dois gigantes financiados pelo governo, haviam recebido socorro financeiro; o venerável empreendimento Lehman Brothers, não. Um dia depois da falência do Lehman Brothers, o mais antigo fundo do mercado monetário da nação foi atingido por um tsunami de aterrorizados saques. Antes do fim do dia, os reguladores tentavam resgatar a gigantesca seguradora SIG, temendo que outra falha titânica pudesse destruir a débil confiança que ainda mantinha o frágil sistema financeiro funcionando.

As pessoas já estavam furiosas, sacudindo os punhos contra os arrogantes plutocratas que as haviam conduzido até essa confusão.

Então, em um flash, Bernie Madoff se transformou de alguém que pessoa alguma, fora seus amigos e os insiders de Wall Street, reconheceria em alguém que era manchete em todo o mundo. Clientes de longa data, gente em situação confortável, que vivera cuidadosamente e confiara seus ativos líquidos a Madoff, acordarão no dia seguinte quase destituídos.

Esse é o dia em que a música finalmente para de tocar para o primeiro esquema Ponzi verdadeiramente global da história — um que se tornou maior, durou mais tempo e chegou a mais recantos do globo que qualquer outro esquema anterior.

SEXTA-FEIRA, 12 DE DEZEMBRO DE 2008

Ainda é meio da noite em Nova York quando advogados em Londres chegam à pequena casa em Mayfair ocupada pela Madoff Securities Ltd.

Os mercados europeus abrirão em breve e o controle sobre as operações de Madoff em Londres deve ser assumido antes que isso aconteça. Enquanto o trêmulo staff de Londres observa, os advogados dão os passos necessários. Providenciam guardas para monitorar o escritório dia e noite.⁵⁸ Congelam contas bancárias, localizam importantes registros comerciais, assumem o controle dos computadores e mudam as fechaduras e os códigos de segurança.

Os advogados estão armados com uma ordem judicial assinada na noite passada em Nova York, a pedido da SEC; trabalham para o administrador judicial que o juiz indicou para assumir o controle da empresa de Madoff, um advogado especialista em títulos de Manhattan chamado Lee S. Richards III.

Homem calmo e meio amarrado, com a aparência e a voz do humorista Garrison Keillor, Lee Richards é considerado um dos melhores advogados de colarinho branco do país. Cuidou de quase meia dúzia de proeminentes administrações judiciais, e seu escritório, com filiais em Nova York, Washington e Londres, é treinado exatamente para esse tipo de emergência.

Ontem, Richards estava entrando em seu trem na Grand Central quando recebeu um telefonema de Andrew Calamari, da SEC, alertando-o sobre a prisão de Madoff e perguntando se poderia assumir a administração judicial da empresa.⁵⁹ Até que esteja claro que a empresa é insolvente e deve registrar falência, um administrador precisa estar no local para proteger seus ativos e garantir a integridade dos registros, começando imediatamente.

Murmurando no telefone celular no meio da estação, Richards concorda em assumir o caso Madoff. Algumas horas depois, advogados da SEC pedem que o juiz distrital Louis L. Stanton congele os ativos da corretora e coloque Richards no comando. O juiz Stanton assinou a ordem judicial às 18h42 de quinta-feira e Richards começou a trabalhar na mesma noite, contratando os consultores forenses de que necessitaria e mobilizando sua equipe em Londres.

Hoje, por volta das 8 horas, enquanto o escritório de Madoff está sendo controlado em Londres e antes de os mercados abrirem em Nova York, Richards e vários colegas chegam ao escritório de Manhattan. Advogados e contadores da SEC estiveram no local a maior parte da noite, tentando encontrar a fronteira, se é que existe uma, entre os negócios legítimos da empresa e a maciça fraude que Madoff diz ter conduzido.

Os reguladores ocupam a sala de reuniões do 18º andar, onde a maior parte das equipes administrativa e financeira e seus registros estão localizados. Richards vai para o andar de cima e estabelece seu posto de comando na grande sala de reuniões com paredes de vidro que se estendem entre o escritório vazio de Madoff e o escritório ligeiramente maior que ainda é usado por Peter Madoff.

Quase todos os funcionários foram trabalhar, até mesmo Frank DiPascali — embora vá embora durante o dia e não retorne. À tarde, estará sentado no escritório de um dos melhores advogados criminais de defesa da cidade, tremendo e chorando enquanto descreve o trabalho que fez para Madoff durante tantos anos.⁶⁰ Madoff também passará o dia com os advogados, tentando entender o que acontecerá em seguida.⁶¹

No Edifício Lipstick, Richards pede a cooperação e a paciência dos funcionários; há muita coisa que ele ainda não sabe e, portanto, não pode dizer a eles.

Os membros de seu escritório legal já impediram acesso aos sistemas informatizados e confiscaram os cartões magnéticos dos funcionários.⁶² Os consultores forenses começaram a analisar os extratos das contas dos clientes e os registros financeiros da empresa. Como em Londres, guardas

de segurança estão presentes dia e noite. O time de Richards rapidamente descobre que também há dois depósitos no Queens nos quais registros são arquivados e backups de computador são mantidos; guardas são encaminhados até lá.

Quando notícias sobre a prisão de Madoff se espalharam, os parceiros comerciais da empresa ameaçaram voltar atrás nas negociações. A equipe de Richards precisa tentar desfazer ou completar as transações com as menores perdas possíveis para a empresa.⁶³ Outros advogados de seu time trabalham para congelar as contas bancárias da corretora e suas contas de investimento em outras corretoras.

Por volta das 10 horas, dois oficiais da polícia de Nova York chegam ao centro de comando de Richards.⁶⁴ Ele precisa ir imediatamente até a recepção, dizem eles. Pouco mais de trinta investidores de Madoff invadiram o andar térreo, a mídia começa a chegar e a multidão é uma preocupação para a equipe de segurança do edifício. Richards se dirige rapidamente para os elevadores.

Os investidores reunidos na recepção estão ansiosos, mas silenciosos e comportados — de maneira notável, dada a devastação que muitos deles estão prestes a sofrer. Reunidos sob o brilho discreto da decoração natalina, são as primeiras faces visíveis das dezenas de milhares de pessoas em todo o mundo prejudicadas pela impensável fraude de Madoff. São representantes de todas as viúvas confiantes, de todos os investidores de segunda geração, de todos os operários, recepcionistas de consultórios dentários, professoras aposentadas, donos de restaurantes, eletricitas, corretores de seguros, artistas, escritores, chefs, modelos, terapeutas, pequenos comerciantes e médicos e advogados razoavelmente bem-sucedidos que subitamente receberam o rótulo de “vítimas de Madoff”.

Richards explica que é cedo demais para ter qualquer informação sobre contas individuais — e ele não pode prever quando isso acontecerá. Não há nada a se ganhar ficando na recepção, explica. A multidão gradualmente se dispersa e Richards retorna para o 18º andar.